FCPF NÚMERO 48 MAGAZINE

ANTEVISÃO
JORNADA 12
PAÇOSXRIO AVE



EDITORIAL

NÚMERO 40 Ionfido 2021

TEXTOS:

FOTOS:

DESIGN:

DISTRIBUIÇÃO ONLINE

SEGUE O PAGOS









Distribuição gratuita

FC Paços de Ferreira Rua do Estádio, 95 4590–571PaçosdeFerreira

WWW.FCPF.PT



Arrancamos 2021 com a mesma esperança de sucesso com que há um ano atrás entramos no novo ano. Contudo, o contexto é agora bem diferente; melhor no capítulo desportivo, bem pior para os nossos adeptos que só pela TV podem celebrar os êxitos da equipa. No entanto, nem uma nem outra situação são imutáveis para o futuro próximo. No campo desportivo, estamos apenas com onze jornadas disputadas na Liga e, por isso, todo o relaxe é prematuro, mesmo confiando na qualidade da equipa e nas belas exibições que tem produzido. O foco tem que se manter e o grau de dificuldade dos jogos vai aumentar, porque os adversários defrontam-nos com cuidados redobrados. Quanto aos adeptos, com a chegada da vacina para a pandemia e o animador baixar dos números na região, temos fundada esperança de que ainda será possível contar com o seu regresso à Mata Real até à primavera. Essa será a grande vitória que todos queremos celebrar ainda esta temporada.

Esta noite defrontaremos o Rio Ave no Estádio Capital do Móvel. É o jogo que abre o novo ano e todos queremos que sejam somados os três pontos par juntar aos 16 alcançados até ao momento. É tempo de voltarmos a celebrar uma vitória, cinco jogos após o último triunfo. Não será fácil, pois o Rio Ave tem assumidas ambições europeias e, tal como o Boavista na última partida em casa, também vem de uma mudança de treinador, que é sempre um fator extra de motivação para demonstrar qualidade a quem chega. Para esta partida o Paços já não irá contar com Oleg. Contingências da gestão equilibrada no Clube "obrigaram" à sua transferência para o Olympiacos. O lateralesquerdo era uma das peças-chave da equipa e fará certamente falta, mas essa é a rotina no Paços. Ajudar a crescer os atletas para um patamar de excelência e rentabilizá-los financeiramente para ser um Clube que cumpre com as suas obrigações. Antes de Oleg já muitos outros saíram da mesma forma e o Paços sempre reinventou novas promessas e revelações. E assim será novamente.

Nesta edição da FCPF Magazine o destaque vai para Stephen Eustaquio. Embora na condição de emprestado pelos mexicanos do Cruz Azul, o português que é internacional pelo Canadá tem dado tudo pela camisola dos Castores e isso faz dele um dos jogadores em grande destaque na Liga. Personifica a raça pacense, com um refinado toque de classe que dá magia ao meio-campo dos Castores.

Saudamos também o regresso da competição aos escalões de formação do Clube, após dez meses de interregno. Por iniciativa da AF Porto vai arrancar uma prova de Sub21 que permite colocar em ação os jovens sub19 e sub17. Um bom princípio e que esperamos seja possível estender o mais rápido possível a todos os restantes escalões, porque o desporto é imprescindível para o desenvolvimento físico e social dos nossos jovens.

Boas leituras e um excelente 2021!

Paulo Gonçalves (Secretário Técnico)

STEPHEN EUSTAQUIO

epois de uma primeira passagem positiva, tem-se seguido a segunda com indicadores ainda melhores. Prestes a cumprir um ano desde a sua estreia pelo FC Paços de Ferreira, Eustaquio faz um balanço da sua aventura na Capital do Móvel, onde tem recuperado tudo aquilo que desejava, depois de uma fase na carreira mais complicada. Uma conversa que vai até ao início do sonho de ser jogador profissional.

Um ano de FC Paços de Ferreira. Como tem sido esta viagem?

Tem sido uma experiência muito boa. Gosto de tudo, mesmo: das instalações, das pessoas que trabalham cá, da maneira como me tratam, dos meus colegas... Tudo a 100%. Não tenho nada a dizer, a não ser coisas boas.

O que é que mais te tem surpreendido?

O Paços de Ferreira, no âmbito nacional, não é considerado um grande, mas nunca me faltou nada. Nem mesmo as coisas mais difíceis aue às vezes são precisas ou coisas que peço. E isso é que é de clube grande. O Paços não falha com nada e está lá sempre que precisamos. Seja em que área for, consegue sempre resolver a situação, e isso é fantástico

A última temporada foi boa e esta mostra que pode ser ainda melhor: 14 jogos, dois golos,



prémios de Homem do Jogo... Tem superado ou correspondido às tuas expectativas?

Eu não meto muitas expectativas, mas tento sempre fazer e ser o melhor. Prémios, golos e assistências são provas de que estou a trabalhar bem, mas quero fazer muito mais, porque quanto mais fizer mais o Paços ganha com isso. Então é esse o meu objetivo. Sim, sinto que estou muito bem, mas posso ficar melhor.

Quando chegaste em janeiro de 2020, vinhas de uma longa paragem. O que é que te levou a aceitar este desafio?

Tendo estado no Chaves, um clube familiar,



conhecendo já a Liga Portuguesa, sentia que precisava de um clube do mesmo género - não guerendo comparar as duas equipas para voltar a ganhar confiança e jogar. O presidente e o mister mostraram que contavam comigo e isso foi meio caminho andado. E depois foi o facto de ser um clube familiar, um clube histórico, com bons adeptos, boas condições de trabalho, boa relva... Tinha outras opções, mas todos os dias acredito que fiz a melhor escolha.

Clube familiar – esta é uma característica importante que ajuda na integração.

Sim, sem dúvida. Eu acredito que num clube familiar - em que outros familiares já estiveram a trabalhar no clube ou gostam do clube - é um sentimento diferente. Não parece haver pessoas que vêm de fora para ajudar o clube mas têm outro tipo de interesses. Neste caso, o que querem é o bem do Paços. E, quando assim é, tem tudo para correr bem. Confere uma maior estabilidade.

Estiveste sempre confiante de que o Paços ia conseguir a manutenção?

Sim, senão não teria vindo. Era um risco muito grande. Quando cheguei, o Paços estava em penúltimo ou antepenúltimo se não me engano, mas conhecendo os jogadores que

estavam cá, conhecendo os trabalhos que a equipa técnica tinha feito, o campo, os adeptos, penso que não haveria outro desfecho que não o Paços na Primeira Liga. E assim foi.

A paragem acabou por ser importante...

Sem dúvida. Os reforços vêm em ianeiro, mas há sempre um período de adaptação. E, neste caso, foram muitos - eu, Amaral, Marcelo, Adriano... Estamos a falar de quatro jogadores que cheaaram para serem titulares. e, em onze peças mexer em quatro, é uma diferença muito grande. Até março tentamos equilibrar as contas, mas depois aquele mês foi fundamental, porque tivemos tempo para trabalhar. Foi um mês e uma semana de pré-época, tivemos tempo para nos conhecermos melhor. Deu para criar uma boa base para dar continuidade aos resultados e conseguimos.

E quando muitos pensavam que o teu percurso por cá tinha terminado, eis que regressas. O que motivou essa continuidade?

Aquilo que eu tinha sentido nos seis meses que cá estive. Penso que foi extraordinário. Toda a gente me deu um bom feedback, toda a gente gosta de mim – penso eu [risos]. Mas também gosto de estar e de trabalhar aqui. Fui-me embora com um feedback positivo da direção e dos misters - se quisesse voltar, poderia voltar. Entretanto, as coisas foram tratadas e não podia haver outro desfecho a não ser vir para cá de novo para ajudar a equipa. Desta vez desde o início, porque é sempre diferente entrar a meio ou começar do início. Penso que foi bom para







o clube, porque sou um jogador que vem do ano passado e isso é sempre bom.

E a paragem entre épocas foi mais curta. Ou seja, aquele momento que a equipa vinha a atravessar na época passada está a ter uma continuidade.

Sem dúvida. Saíram jogadores importantes, não vou dizer que não, mas, com um grande trabalho da direção (de mandar vir outros reforços que também são importantes), penso que foi uma questão de dar continuidade e não de renovar algo, porque não havia nada para renovar. As coisas estavam a ser bem feitas, continuaram a ser bem feitas e é assim que vamos seguir.

Consegues apontar algumas diferenças entre o Eustaquio de 2019/2020 e o Eustaquio de 2020/2021?

Sim, talvez sim. Um jogador mais confiante, mais móvel, penso que mais importante para a equipa em si - porque no ano passado vinha da lesão e era sempre um pouco "vai e vem", e este ano acho que as pessoas e os meus colegas olham para mim e pensam que sou importante para a equipa. E isso dá-me confiança. No ano passado acho que não fiz nenhuma assistência nem

nenhum golo e este ano já tenho dois golos e uma assistência – e em resultados importantes, como o empate na Madeira e a vitória contra o Porto. É sempre bom estar presente nesses momentos, quer dizer que ajudo o clube.

Se tivesses de escolher um momento desta época, qual escolhias?

O jogo contra o Porto, sem dúvida. Esse jogo foi demais. Em tudo, mesmo.

E sobre a equipa: como é que defines este grupo de trabalho?

De trabalho, mesmo. Penso que trabalhamos muito, sempre nos limites. Temos um plantel bom e podemos ficar com um plantel melhor – se todos os jogadores derem o máximo, vamos crescer e o plantel também cresce.

Sentes que tens recuperado tudo aquilo que pretendias, depois daquele momento mais difícil na tua carreira?

Sim. Ao teres a lesão, deixas de saber correr ou andar, emagreces, perdes forças, perdes mecanismos, mobilidade... Perdes quase tudo, é como se fosses um bebé de novo. E neste



momento sinto-me melhor do que era antes - mais forte, mais ágil, mais capaz; em termos de campo, um médio mais completo. Na altura, foi mau, porque foram dez meses muito difíceis, mas depois dessa fase passar e passados dois anos, sinto que foi a melhor coisa que me aconteceu.

Sentes que deu para crescer?

Sem dúvida. Crescer. É essa a palavra.

A experiência no Cruz Azul foi a primeira fora de Portugal. Comparações entre o campeonato mexicano e português.

O campeonato mexicano é muito bom. Aqui há três ou quatro clubes dos quais se calhar só dois lutam para campeões. enauanto lá qualquer um pode ser. E quando digo qualquer um... são cerca de doze equipas e oito podem ser campeãs. Se virem os títulos, veem sempre equipas diferentes, e isso é muito bom, porque torna a Liga muito Há jogadores interessante. muito bons. com muita intensidade, muita força. Penso aue em termos de mentalidade e comportamentos táticos não são tão fortes como nós, mas, tirando isso, acho que peca muito por ser na América do Sul, em que os jogos são às quatro, cinco, seis da manhã e a malta

da Europa não vê, porque está a dormir. Mas se fosse a horas acessíveis, penso que seria um campeonato muito mais vistoso, porque é um campeonato muito forte. Quanto aos adeptos, são fanáticos, mesmo, posso dizê-lo. E há muitos! É muita população, e, havendo mais população, há mais adeptos, há mais euforia, há mais comentários, há mais tudo. Mas isso é que faz com que os clubes sejam grandes, porque há mesmo muitas pessoas.

Vamos agora até ao início. Tu nasceste no Canadá. Estiveste lá até que idade?

Estive no Canadá até aos sete anos.

Foi lá que começaste a jogar futebol?

Sim. O meu pai era jogador de futebol - no âmbito amador - e em Portugal quase toda a gente joga futebol. Então, o meu pai passou o bichinho para mim e para o meu irmão. Como lá há neve no inverno e só se joga no verão, basicamente era esperar nove meses para que chegasse o verão e jogássemos à bola, mas foi um pouco por aí - os meus pais passaram para mim e depois foi 'vamos brincar ao futebol no Canadá'. Só quando chequei cá é que comecei a perceber que afinal o futebol joga-se quase o ano todo e fomos levando as coisas. mais a sério ano após ano.

No Canadá o maior destaque é dado aos desportos de inverno.

É. É o hóquei no gelo, mas também há o basquetebol... Basicamente, são esses dois. Depois tem o basebol, mas veem mais o da América e não o do Canadá. No Canadá ligam pouco ao futebol, mesmo.

E nunca experimentaste um desses desportos?

Não. [Risos] Seria um desastre.

Foi no Nazarenos que os primeiros passos foram dados. Como é que foram esses tempos?

Foi bom. Nós jogávamos para estar com os amigos. Comecei aos oito anos nos Nazarenos e fui até aos quinze. É o clube da terra: o meu pai jogou lá, os amigos do meu pai estão todos lá como diretores, treinadores, presidente, e eu tinha os amigos todos da escola que encontrava lá também. Gostei muito. É uma época muito importante para os jovens.

Foi muito difícil adaptares-te a um novo país ou nem por isso?

O meu pai veio trabalhar para Portugal e esteve cá seis meses sem nós, que ficamos no Canadá. Ele veio primeiro para resolver as situações, começar uma vida, e a partir do momento em que o meu



FNTDFVISTO EUSTROUIO

pai veio, a preocupação da minha mãe foi implementar coisas portuguesas na minha rotina e na rotina do meu irmão. Afinal, só lá íamos estar mais seis meses e a adaptação seria muito mais fácil assim. Então foi desde culinária portuguesa, começar a aprender português... Em vez de falar inglês em casa, começava a falar português. Mesmo que não soubesse, a minha mãe ensinava. Tudo isto para a adaptação ser muito mais fácil. E assim foi.

E a língua portuguesa não é nada fácil...

Nada fácil. Acho que é das línguas mais difíceis, por causa dos verbos e dos acentos. Tem um vocabulário muito extenso, há muitas opções, e não foi nada fácil. Mas, como tudo, uma pessoa adapta-se.

No Torreense acabarias por fazer a tua estreia como sénior. Foi o início do sonho?

Foi. De um sonho que nunca pensei que tivesse grandes asas. No primeiro ano no CNS fiz 20 e tal jogos – para primeiro ano de sénior é muito bom, mas desses 20 e tal só fiz oito a titular. Ou seja, foi um bocado 'vou ter de trabalhar para me safar aqui'. Depois, no ano a seguir, peguei de estaca, porque joguei sempre, e foi 'vou começar a trabalhar para

sair daqui'. Nunca pensei que estaria onde estou agora, com as experiências que tenho, mas claramente foram anos muito bons – bem como o clube em si, o Torreense – para me catapultar para outros patamares.

Eu ia mesmo perguntar se esperavas que fosse tudo assim tão rápido, porque depois só tiveste meia época no Leixões, na Segunda Liga.

Não esperava que fosse tão rápido. Tive duas épocas no Torrense como sénior, depois fui para o Leixões, onde estive seis meses, e nesses seis meses começo a ir à seleção nacional sub-21. Entretanto, no último dia do mercado de janeiro vou para o Chaves. Ou seja, passo do CNS para Segunda Liga, Seleção, Primeira Liga,

num espaço de sete meses. Mas penso que isso aconteceu, porque trabalho para isso e porque as pessoas também gostavam de mim e queriam ajudar-me. Muita gente me quis ajudar no Torrense, no Leixões; sou chamado à seleção, porque também muita gente me aiudou tanto em campo como fora dele. Na seleção fui sempre aos estágios todos, o que é sinal de que as pessoas aostavam de mim lá - podia haver aquela situação de ir a um e depois não ir mais. Vou para o Chaves, começo a jogar a titular - o que é sempre difícil - sendo sinal de aue as pessoas gostavam de mim. Ou seja, é sempre um bocado 'eu dou, mas também sempre recebi'. Sempre trabalhei para isso, mas sempre recebi carinho, oportunidades, ajuda, e por





causa disso estou onde estou neste momento.

Jogaste pela seleção sub-21 portuguesa, mas acabaste por fazer a estreia internacional sénior pelo Canadá. O que é que motivou essa escolha? Foi difícil. Quando começo a caminhada com a seleção sub-21 o selecionador do Canadá ligame para eu integrar os trabalhos. Disse-lhe que não podia ir, porque já tinha abraçado o projeto da seleção nacional sub-21, e quando terminasse o torneio do Euro falava com ele, já que a minha caminhada com a formação de Portugal teria terminado. Era uma questão de escolher se ia para a seleção AA de Portugal ou do Canadá. Entretanto, não vamos ao Europeu, somos eliminados, e a minha jornada acaba aí. A nossa geração acaba e nesse momento só estamos aptos para a seleção AA. E estamos a falar de jogadores como Bruno Fernandes, William Carvalho, Danilo Pereira, Ruben Neves, Gedson, Renato Sanches... Podia estar aqui a dizer vários médios que, naquela altura, já estavam em ligas inglesas, espanholas, italianas. Pensei que naquele momento não podia competir com eles. No futuro talvez conseguisse, mas podia demorar anos, como podia ser chamado uma vez, jogar e nunca mais ir, o que já me bloqueava. Ou então escolhia o Canadá, ser um jogador importante e continuar a ser internacional, ao invés de ter uma carreira de dois ou três anos na seleção de Portugal - ou nem ter. Preferi escolher ter uma carreira de dez anos na seleção do Canadá, sempre a ser uma presença assídua nos estágios e a estar presente nas competições internacionais, porque senti que podia ser importante para mim.

E como foi a estreia?

Foi espetacular. Jogamos contra os EUA. Estamos a falar de mundiais, de campeonatos do mundo - o auge do futebol, na minha opinião - e ter a oportunidade de jogar essas competições é fenomenal.

Tens algum tipo de objetivo traçado quanto à seleção?

Espero ir a dois Mundiais. Espero ir ao Mundial do Qatar e espero ir ao Mundial do Canadá-EUA-México – o Canadá, sendo anfitrião, tem presença obrigatória. Espero estar presente em ambos. Gostava muito.

Quais são os teus desejos para 2021?

A Liga Europa. Por que não? Penso que desde o momento em que saboreamos o bom - estar no sexto lugar e irmos a muitos campos e batermos sempre de frente com os adversários, coisa que no ano passado não acontecia - isso dá-nos um bocado de gozo, porque podemos ver que talvez seja possível. É um campeonato longo, tenho a certeza de que não vamos estar sempre em sexto, podemos cair para décimo ou 12º ou podemos subir para quinto... Uma pessoa nunca sabe, mas o que uma pessoa tem de ter em mente é que é possível. E o sexto lugar é a única coisa que dá garantias de Liga Europa, então vamos lutar por isso.

Queres deixar uma mensagem para os adeptos?

Tentem acompanhar o clube ao máximo, mesmo depois destas adversidades todas devido à pandemia. Sentimos o apoio de toda a gente, nem que seja através do comentário no Facebook ou através da presença deles à saída e chegada do autocarro. É sempre bom sentir o feedback. Tive um episódio recentemente, quando fui fazer análises a uma clínica, em que a senhora estava a tirar sangue e disse "Ah, jogas no Paços? Vocês estão muito bem". Uma pessoa que eu nunca vi na vida. Mas é sinal de que as pessoas estão atentas e ficam felizes por estarmos a fazer um bom trabalho. Espero que as pessoas desfrutem, tentem apoiar ao máximo, e que este ano já possamos ter algumas pessoas no estádio.



VOZES FCDF 9

A PANDEMIA E O BILHAR



Como qualquer outro cidadão, tenho acompanhado a evolução da pandemia. O primeiro grande impacto iniciou-se com a declaração de estado de emergência. Foi nessa altura que diversas áreas da nossa sociedade sofreram um conjunto de restrições e alterações, com especial destaque para os praticantes de Desportos Federados, que viram todas as suas atividades desportivas suspensas.

Aquilo que se desejava que fosse temporário veio a tornar-se num pesadelo que teima em não ter fim. A secção de Bilhar do FC Paços de Ferreira e todos os seus atletas, imbuídos do espírito de que a prática desportiva deve estar sempre em conciliação com boas práticas de saúde, higiene e segurança, realça que o seu principal compromisso sempre foi o da responsabilidade social. Assim, somos perentórios a afirmar que, desde o início da pandemia, a nossa principal preocupação foi no sentido de nos juntarmos ao esforço diário de todos para que, tanto a transmissão desta infeção, como os efeitos desta doença, fossem reduzidos ao máximo.

No fim do Verão, com a situação pandémica mais estável, foi emitida luz verde pela Federação Portuguesa de Bilhar para que se iniciasse a nova época desportiva. As expectativas eram altas e o Clube fez um esforço muito sério para reforçar a equipa com alguns dos melhores atletas de bilhar do nosso país. Finalmente a competição ia começar...

Primeiro fim de semana, jornada dupla - uma vitória e um empate face a um adversário também ele candidato ao título (Snooker Club). Na jornada seguinte, vitória no recinto do vizinho Boavista, com a nossa equipa a demonstrar toda a sua qualidade. Assumíamos, assim, a liderança do Campeonato Nacional de Pool. Mas o inevitável aconteceu. O número de casos de infeções voltou a subir.

O concelho de Paços de Ferreira rapidamente se tornou num dos concelhos com maior incidência e a pandemia novamente cavalgou pelo resto do país. Novo estado de emergência e consequente novo cancelamento das competições de bilhar. Deste modo, a prática da modalidade que todos adoramos tem sido, nestes últimos meses, quase nula limitando-se a pequenos períodos de treino quer em casa, no caso de quem possui mesa de bilhar para o efeito, quer em locais públicos, mas sempre cumprindo todas as recomendações das autoridades.

Resta-nos acreditar que todos os esforços levados a cabo pela comunidade científica nos encaminhem para um futuro melhor.

A Secção de Bilhar deseja a todos um Feliz Ano Novo.

Arménio Nunes



Industria de transformação de metais

10 ANTEVISÃO







DIO OVE FC

Fundação: 10 de maio de 1939 Presidente: António Silva Campos Treinador: Pedro Cunha Estádio: Estádio dos Arcos

Lotação: 9065

As últimas temporadas:

2017/2018

Liga NOS – 5° lugar, 51 pontos

2018/2019

Liga NOS – 7º lugar, 45 pontos

2019/2020

Liga NOS – 5° lugar, 55 pontos

Camisola principal:



O novo ano começa em casa. Depois de um empate a fechar 2020, os Castores recebem agora o Rio Ave FC – e o objetivo é entrar em 2021 com o pé direito.

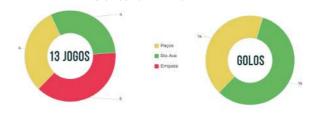
Movidos pela ambição de levar o nome de Vila de Conde mais além, sete amigos decidiram criar um clube de futebol. Decorria o ano de 1939, e três nomes foram levados a votação: Vilacondense Futebol Clube, Vila do Conde Sport Club e Rio Ave Futebol Clube. Venceu este último. Apesar de ter sido fundado a 18 de janeiro de 1939, tendo entrado em campo pela primeira vez na vizinha Póvoa de Varzim, o emblema rioavista foi apenas oficializado na quarta feira de 10 de maio desse mesmo ano.

Já se contabiliza meia centena de jogos entre FC Paços de Ferreira e Rio Ave FC – duas equipas que já se encontraram em todas as competições nacionais. Os primeiros duelos, levam-nos numa viagem até à temporada 1973/1974, quando pacenses e vilacondenses

disputavam a III Divisão. No entanto. os 'frente a frente' a contar para o principal escalão do futebol português começaram em 2003, somando-se 26 até ao momento. E no que aos jogos da Primeira Liga realizados no Estádio Capital do Móvel diz respeito, o confronto direto mostra-se bastante equilibrado: quatro vitórias para os Castores, quatro vitórias para os rioavistas e cinco empates - havendo ainda 14 golos apontados pelo Paços e 19 pelo Rio Ave. O último deles, realizado na temporada passada, terminou com um empate a zero.

No atual plantel do clube de Vila do Conde, encontramos dois atletas que já passaram pela Capital do Móvel: o médio Pelé, que vestiu as cores do FC Paços de Ferreira em 2015/2016, e o avançado Bruno Moreira, que teve uma primeira passagem entre 2014 e 2016, e uma segunda na época 2017/2018. Já Marcelo é o único Castor que representou o Rio Ave FC (de 2012 a 2018).

HISTÓDICO FCDF - DAFC NA MATA DEAL



ANTEVISÃO 11



O FC Paços de Ferreira despediu-se de 2020 com uma deslocação a Faro, ao Estádio de São Luís. O ano não terminou como a equipa tanto desejava – ou seja, com a conquista dos três pontos – mas, mais uma vez, fez-se jus à máxima "jogar à Paços", sendo sempre um bom indicador para o futuro. Douglas Tanque marcou primeiro, através de uma grande penalidade aos 60 minutos, e Ryan Gauld estabeleceu a igualdade aos 74'. O ponto conquistado garantiu aos Castores fecharem o ano conquistado garantiu aos Castores fecharem o ano sexta posição e o objetivo é por lá continuar. Segue-se, agora, a receção ao Rio Ave FC – e começar o ano a vencer em casa é o desejo de todos.

À entrada para esta 12ª jornada da Liga NOS, os rioavistas ocupam a 13ª posição. Ao fim de 11 jogos, têm 11 pontos somados, depois de duas vitórias (SC Farense e Moreirense FC), cinco empates (CD Tondela, Vitória SC, FC Famalicão, Belenenses SAD e Boavista FC) e quatro derrotas (SL Benfica, Gil Vicente FC, SC Braga e CS Marítimo); seis golos marcados (sendo o ataque menos concretizador do

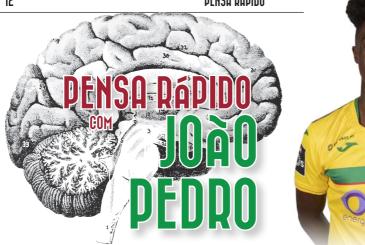
campeonato, a par do Belenenses SAD) e 13 golos sofridos.

O último jogo do Rio Ave FC foi em casa, frente ao CS Marítimo. O emblema de Vila do Conde inaugurou o marcador aos 14 minutos, por Diego Lopes, e foi para o intervalo em vantagem. Contudo, os madeirenses começaram a desenhar a reviravolta à passagem do minuto 50. Joel Tagueu fez o primeiro e o segundo golos (63') e Marcelo Hermes o terceiro (75'), que colocou um ponto final no resultado. Este foi o quinto jogo consecutivo do Rio Ave FC sem vencer (dois empates e três derrotas).

O encontro de hoje entre FC Paços de Ferreira e Rio Ave FC é o primeiro do novo treinador dos vilacondenses, Pedro Cunha. O técnico de 54 anos, que orientava a equipa B, foi o escolhido para substituir Mário Silva, que abandonou o cargo esta semana. Do seu plantel, nota para Lucas Piazon, o melhor marcador da equipa na Liga NOS (2), e para Diego Lopes, que teve influência em metade dos golos apontados pelo clube de Vila do Conde no campeonato (um golo e duas assistências).









O primeiro quiz do novo ano dá-nos a conhecer um pouco mais sobre um dos atletas que chegou nesta temporada - e já marcou, tanto na Taça de Portugal como na Liga NOS. Já sabes de quem falamos? João Pedro revela-nos o momento mais embaracoso que já viveu e qual foi o jogo que assistiu e mais o marcou.

100. Qual foi a situação mais embaraçosa pela qual passaste?

Deixar cair uma prateleira no supermercado. [Risos] Estava cheia de coisas e deixei cair tudo

45. Que idioma gostavas de falar fluentemente?

O inglês. Digamos que não é o meu forte, e é muito importante hoje em dia.

10. Qual é a primeira memória aue tens relacionada com o futebol?

Lembro-me do meu pai. O meu pai foi jogador e foi também daí que veio a minha vontade de ser jogador. Desde criança que vejo futebol.

7. Se pudesses ser um desenho animado, aual serias?

Um desenho animado? O Oliver [Oliver e Benji]. Quando era criança, esses eram os meus desenhos animados preferidos.

1. Qual foi o jogo mais marcante que já disputaste?

Tive alguns, acho que não consigo escolher só um. [Risos] Mas talvez a minha estreia como titular, com 16 anos, pelo Santa Clara. Foi em casa,

frente ao Portimonense. empatamos 0-0.

8. Se não fosses jogador de futebol, qual seria a tua profissão?

Se calhar seria professor de Educação Física. Gostava dessa disciplina, quando andava na escola, e, além disso, a minha mãe também é professora de Educação Física.

9. Qual foi o jogo que viste e mais te marcou até agora?

Acho que foi a final do Euro 2004, entre Portugal e a Grécia. Chorei muito. [Risos] Tinha uns seis, sete anos.





FORMAÇÃO EM "PAÇOS" SUSTENTADOS

"Um jogo que se joga com a cabeca e se usam os pés", Johan Cruyff.

Sem sombra de dúvida que a formação se caracteriza por um caminho essencial e fundamental para que o nosso futebol a TOP possa ganhar mais e melhores jogadores, encontrando-se assim preparados para aquilo que toda a dimensão do jogo engloba e consigo transporta.

O já muito abordado tema centrado na dimensão que o "Futebol de Rua" em si atrelava é e ainda deve ser considerado como fundamental e alvo de uma reflexão condigna e criteriosa. É clara a capacidade que tinha em fazer emergir capacidades essenciais e tão relevantes que o jogo de hoje em dia tanto precisa e tanto preconiza e que continuamente necessitará. Mas, essencialmente, acreditamos que a grande perda aqui não se prende com a possível perda de criatividade entre outros aspetos que este "jogo de rua" promovia (cabe dentro dos possíveis aos treinadores com o treino ser catalisadores de um jogo mais JOGO), mas sim o tempo de prática que antigamente os nossos "miúdos" dedicavam em detrimento do momento atual. Podemos quase equiparar uma semana de treinos de hoje em dia ao tempo de prática que um dia de jogo de futebol de rua promovia nos nossos jovens atletas. Fazendo uma análise ao panorama atual da nossa sociedade, torna-se fácil perceber que os nossos jovens atletas neste momento não têm disponibilidade nem sequer a sensibilidade de promover momentos deste tão privilegiado jogo de "futebol de rua".

Formar em contexto multifocal

É essencial perceber que cada vez mais se torna relevante sermos capazes de dotar os nossos futuros jogadores de capacidades inerentes para um vasto leque de exigências fundamentais que o "JOGO" de hoje em dia pode e deve promover. A compreensão de todas as dimensões que o jogo consigo traz, bem como a capacidade de estar preparado para entender o jogo no seu todo e em todos os seus momentos, é essencial para que possa futuramente incorporar um contexto a TOP (isto é o que se almeja). Será de relevo perceber que nunca saberemos qual o contexto que será colocado pela frente no futuro próximo de cada um dos nossos jogadores, sendo assim fundamental conseguirmos prepará-los para se ajustarem da melhor



forma possível a qualquer que seja a exigência requerida e, consequentemente, serem capazes de responder da melhor forma.

Neste sentido, devemos compreender que cada vez mais o treino deve ser veiculado para dotar o jogador das mais diversas capacidades e fazer em si emergi-las. No caminho, torna-se essencial que nos capacitemos que o erro deverá fazer parte do processo, porque será a errar que o nosso jogador se pode tornar cada vez mais capaz de entender o jogo e aquilo que ele, a cada momento, lhe possa solicitar.

Muito se fala que uma errada intervenção global do treinador pode comprometer e limitar o crescimento do nosso futuro jogador, mas ela não se finaliza no que à sua criatividade diz respeito. Muitos mais aspetos fundamentais aqui entram em consideração e a não permissão ou o "julgar" do erro, não será nada mais que o "castrar" - e nada pior do que condicionarmos a mente dos nossos jovens jogadores. Dentro do nosso processo, a nossa intervenção (para e no treino) centra-se essencialmente em guiar e potenciar, sempre com propensão, a capacidade para o nosso jogador ver muitas e variadas formas de solucionar constantes problemas que as interações e relações de um jogo promovem - isto, sem nunca julgar a execução, mas sim intervindo de forma a promover a sua melhoria/evolução. Ter o nosso jogador como capaz de encontrar a solução é o nosso objetivo primordial. A nossa intervenção torna-se essencial para que a execução das ações seja promovida de forma a ser potenciada, elevada e acima de tudo levada de forma a que nunca seja sobreposta pelo medo de com ela advirem consequências (como a perda da bola e consequente possibilidade de perigo criado à nossa baliza). Aparentemente, parece que o resultado não se pode enquadrar dentro deste processo, mas nada mais errado se poderia pensar. É claro que dentro do nosso processo o resultado tem relevo, a grande diferença é que ele por si só nunca nos representa nada.

O ganho está em algo mais que o resultado

Cabe-nos então a difícil tarefa de moldar todo este pensamento e, consequentemente, a forma de encarar aquilo que é de importância num processo de formação, mantendo necessariamente a intencionalidade de um meio sustentado no encaminhar para um final onde um resultado desportivo será, nada mais nada menos, uma consequência de um todo. Daqui se extrai a tão preciosa importância de dar um maior relevo áquilo que foi o jogo que findou em detrimento daquele que será um próximo desafio - no qual sabemos sempre que será incerto e atrelado de problemas e dificuldades ímpares. Este será o segredo entre entender o resultado como uma consequência de um conjunto de processos sustentados e somatizados, em detrimento de uma possível e acentuada enfatização daquilo que serão os problemas causados por um próximo adversário - que podem condicionar e/ou orientar todo um processo assente num molde exclusivamente sobre o nosso próximo problema, e que nos poderá, em pormenores, fazer desviar um pouco do nosso caminho. Guardiola já dizia "Analisar e perceber o porquê de ganharmos/perdermos é a única forma de melhorar." Todo o pormenor fará a diferença!

O todo é maior que as suas partes

E nesse caso, para que o detalhe possa ter a intenção de fazer a verdadeira diferença, é essencial perceber que uma base de princípios coletivos com uma duração contínua no tempo, se trata de uma condição si ne qua non.

Um jogador inteligente, diferente e acima de tudo capaz é o caminho do nosso processo. Assim sendo, há que entender que outras dimensões no meio de todo este processo não são nem



devem ser capazes de poder ser arrastadas pelo mesmo peso que o jogo adquire no processo formativo. Há uma tendência significativa para dar relevo a dimensões complementares em detrimento do jogo, fazendo ver que o jogador de futuro tende a ser um meio individual de rendimento por si só.

Mas nunca nos esqueçamos: o jogador será sempre ele e as relações estabelecidas com os outros dentro de um jogo, que terá sempre no horizonte o "nosso" jogo.

Dentro do todo essencial para o alcance de um meio formativo eficaz equilibrado e acima de tudo condigno, o que sempre procuramos é um morfociclo que respeite e periodize os mais variados contextos de relevo, que em si preconize a recuperação e preparação do CORPO e MENTE em função de uma "Intenção Prévia". Exercícios que promovam uma estabilidade estrutural na dinâmica do movimento, mas que ao mesmo tempo preparem os jogadores e a equipa para "O JOGO".

Tudo aquilo que procuramos é um jogador sempre mais capaz de jogar "O JOGO". "Reduzir sem empobrecer", como refere Vítor Frade, é um caminho assente no nosso processo e ele existe com o sentido de melhorar relações e detalhes individuais, aprimorando o todo, em função do contexto no qual nos apresentamos. Porque treinar sem algo que me ligue a esses referenciais é irreal e por si só anárquico, levando a que o jogador apenas possa jogar um jogo só dele, descontextualizado daquilo que o incorpora.

Tendo como premissa primordial que "o todo é mais do que a soma das partes", na hora de fazer evoluir e emergir o melhor do nosso jogador, não há como fugir de que o mesmo tem e deve ser em consonância com um todo - um todo que é nada mais nada menos que o coletivo, privilegiando a especificidade do jogo e em como resolver os problemas que surgem nele, de acordo com uma lógica comum.

O culminar de todo um processo

Cada vez mais nos deparamos com a pressão de sermos capazes de lançar jovens talentos num contexto a TOP, tendo sempre a perspetiva que esse será um caminho necessário para um crescimento do nosso futebol. No entanto, há sempre que relembrar que, por vezes, "a pressa é inimiga da perfeição".

A sensibilidade necessária para que um jovem possa ser "lançado aos leões" no momento certo - correndo o risco de muitas vezes não ser capaz, de não estar preparado para os domar - é fundamental. Toda essa sensibilidade deve caracterizar-se por prever aquilo que possa ser a sua capacidade para lidar com a eventualidade do insucesso momentâneo, bem como pela própria valoração imediata. Para ambas, a estabilidade de um jovem que se quer capaz de estar preparado para o desafio a TOP é primordial. Quando falamos desta preparação, há que ter em conta que tudo isso engloba um todo, um todo onde a especificidade será sempre aquilo que é o essencial e tudo o resto acessório.

Apraz-nos dizer que este será com certeza um caminho sempre tumultuoso e difícil de guiar, mas com certeza prazeroso e sem dúvida promissor, de uma casa (a nossa casa) que forma e continuará a formar para um todo, alicerçada em premissas fundamentais.

PEDRO CAMPOS TREINADOR SUB-17



NOVOS CAMPEONATOS: UMA LUZ AO FUNDO DO TÚNEL

O início do novo ano traz consigo notícias melhores para o futebol de formação. A criação de duas provas pela AF Porto vai permitir dar ritmo de jogo a atletas que cumprem os seus últimos meses antes da chegada a seniores. José Pinto, presidente do Departamento de Formação do FC Paços de Ferreira, dá-nos a conhecer mais sobre esta nova competição e fala sobre alguns dos impactos gerados pela paragem.



Como serão estas provas que vão ter início agora em janeiro (Sub-21 PRO1 e Sub-21 PRO2)?

A AF Porto, a pensar nos jovens jogadores, alguns também da formação, decidiu criar uma competição Sub-21 - que é possível, porque é uma competição sénior. Dessa forma, é possível que alguns jogadores da formação possam jogar e ter competição oficial. Assim, conseguimos colocar Juniores - porque todos eles estão inscritos com possibilidade de subida de escalão - e também podem jogar Juvenis, ou outros atletas de escalão que não o Júnior, mas que estejam habilitados com exame médico (um exame especial, realizado no Centro de Medicina Desportiva, onde vão atestar que estão aptos para jogar uma competição sénior). Então, vimos aqui a possibilidade de poder dar competição aos nossos Juniores e alguns Juvenis, colmatando este vazio que tem havido na formação. Temos duas equipas. Há duas séries: uma onde só participam sete equipas, que são as equipas profissionais da AF Porto (FC Paços de Ferreira, FC Porto, Rio Ave FC, Leixões SC, Boavista FC, Varzim SC e FC Penafiel) - e aí vão jogar aqueles que nós vemos que estão melhor preparados - e outra onde estarão dez equipas (as que participam na I Divisão Distrital da AF Porto) - onde vão jogar alguns Juniores que não vão ser convocados para a série das equipas profissionais, e, para completar, vamos chamar sempre 10 ou 11 Juvenis que estejam habilitados com o tal exame médico a jogar uma competição sénior. Com isto, consequimos também dar àqueles jogadores que menos tempo têm de recuperar desta paragem (os Juniores são os que menos tempo têm antes de ser seniores) alguma competição.

A que níveis vai esta competição ser benéfica tanto para o clube como para os atletas?

Haver competição por si só já é benéfico, porque os jogadores andavam a treinar à semana para nada. Os Juniores, por exemplo, estavam a treinar quatro ou cinco dias por semana sem objetivos... O objetivo deles era treinar para na semana sequinte voltarem a treinar. Não havia



a essência do jogo. E isso, quer se queira quer não, é fundamental para a evolução dos atletas. Eles, neste momento, vão treinar com um objetivo diferente. Sabem que vão ter um jogo, sabem que os melhores é que vão jogar. Não vai ser para dar jogo a toda a gente, vai ser para dar jogo a quem merece. Nada é dado, tem de ser conquistado. Isso, por si só, já muda drasticamente a mentalidade dos atletas e, no fundo, traz aquela ideia de trabalhar com uma realidade que os vai fazer crescer. Depois, há a questão do jogo em si. Independentemente do grau de dificuldade, há uma aprendizagem muito grande com o jogo. Há rotinas que se vão retomar. O jogo vai ser fundamental para nós. O nosso grande objetivo é preparar e avaliar os nossos atletas para a próxima época.

As equipas, neste momento, estão todas a treinar?

As equipas de competição oficial estão todas a treinar dentro daquilo que é pedido pela DGS. Com treinos muito específicos, com o distanciamento solicitado, cumprindo todas as regras de segurança e higiene. Estão a fazer menos treinos, porque para nós conseguirmos cumprir as regras da DGS temos de alargar um plano semanal que não nos permite ter todos os treinos que desejaríamos. Mas é melhor ter alguns cumprindo as regras do que nenhum. Ou do que ter tudo igual, como se não houvesse nada, e depois corríamos o risco de ter aqui algum foco de contágio.

Que impacto é que esta paragem tem tido nos escalões de formação?

Só vamos perceber verdadeiramente o impacto quando isto normalizar. Há questões físicas que são inegáveis. Por exemplo, os Juniores (estou a dar o exemplo deles, mas é igual em todos os outros escalões) estiveram parados de 22 de outubro até 9 de dezembro e quando regressaram foram todos pesados e tínhamos alguns atletas com excesso de peso, outros que perderam peso porque perderam carga muscular... Temos também visto mais lesões do que o habitual. E depois falamos também daquilo que é o fundamental: a evolução deles como jogadores. Quem está parado não cresce, não aprende, não evolui. E só quando normalizarmos ao nível das competições é que vamos ter consciência se isto teve um impacto grande ou não. Para já, como ainda está tudo parado, temos dificuldade em contabilizar esse impacto, mas é inegável que uma paragem tem sempre efeitos negativos. Eles pararam no tempo, porque, mesmo estando a treinar de acordo com todas as regras que temos de cumprir, eles não podem treinar o normal. E falta a essência do jogo, que é o que lhes dá mais crescimento. Não é só o treino. O treino por si só não chega. Se não tiverem o jogo, não aprendem, não evoluem tanto, porque o jogo é exteriorizar ao fim de semana aquilo que estão a aprender. Põem em prática e têm outro tipo de crescimento.





FNDMQÇAN FIITFRNI

Muitas pessoas temem a perda de algumas gerações. Acha que o impacto será assim tão evidente? Acho que toda a gente teme isso. A geração que poderá ter mais dificuldades é aquela que menos tempo tem para recuperar desta paragem. E, neste caso, foco-me na geração de 2002, que na próxima época é sénior. Os dois últimos anos desta geração nos escalões de formação são como Juniores, e a verdade é que não conseguiram completar uma primeira época, porque isto parou em marco (faltayam três meses de competição oficial de elevado arau de dificuldade), e este ano não têm nem um único jogo oficial num campeonato nacional. É dessa geração que tenho mais receio, porque para o ano são seniores e não estão preparados para ficarem na equipa profissional diretamente. Vai ser difícil. Ou o Paços consegue arranjar aqui uma solução de transição - Sub-23 ou equipa B, por exemplo - ou então eles vão ter dificuldades, porque não puderam mostrar-se. Isto é uma realidade. Por mais dura que possa ser, é uma realidade. As outras gerações, como ainda têm mais alguns anos de formação, podem recuperar novamente. Portanto, se eles tiveram forca de vontade – e eles nunca estiveram completamente parados, consequimos que tivessem alguma atividade – têm efetivamente mais tempo para recuperar o tempo perdido. Agora a geração de 2002 é a que se teme mais que possa ter mais dificuldade em dar um passo que talvez desejariam. Mas nós também somos férteis em nos superarmos, e se estes jogadores forem sérios, trabalharem, tiverem espírito de sacrifício, conseguem superar as dificuldades. Se nós tivermos a felicidade de participar, na época 21/22, numa prova como a Liga Revelação, poderemos dar àqueles que têm mais capacidade mais tempo de crescimento, neste processo de transição.

E como é que os atletas reagiram ao aparecimento destas provas?

Ficaram todos entusiasmados. Não é a melhor competição possível, mas é algo diferente, algo que não estavam a ter. E eles estavam ansiosos, acima de tudo, por ter jogo. Poder competir, poder crescer. Eles sabem perfeitamente que não vão ter um campeonato nacional esta época, mas precisam de jogar. Precisam de ter essa alegria e estão a reconquistá-la agora. Já se sente nos treinos. Estão muito felizes, motivados e têm consciência das dificuldades que os clubes estão a passar e dos sacrifícios que estão a fazer para que eles possam continuar a treinar - e agora terem uma prova -, e, felizmente, estão a preparar-se muito bem para recuperar o tempo perdido.





ÚLTIMO JOGO 19



















PaçoPrint A sua marca gráfica